

**LINGUA BRASILEIRA DE SINAIS: AS DIFICULDADES ENCONTRADAS POR
OUVINTES NA EXECUÇÃO DA MARCAÇÃO NÃO-MANUAL E SUA
INTERFERÊNCIA NA MUDANÇA DE SIGNIFICADO**

**BRAZILIAN LANGUAGE OF SIGNS: THE DIFFICULTIES FACED BY LISTENERS IN
THE EXECUTION OF THE NOT-MANUAL MARK AND ITS INTERFERENCE ON THE
MEANING CHANGE**

Diego Teixeira de Souza

Graduando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS)

Membro do Centro de Pesquisas Literárias da PUC

E-mail: diegot.souza@ibest.com.br

RESUMO

Neste trabalho, objetiva-se verificar algumas das principais dificuldades que falantes de língua portuguesa apresentam na execução da marcação não-manual da Língua Brasileira de Sinais, bem como avaliar se uma execução inadequada pode interferir na estrutura da frase e produzir mudanças no significado das palavras.

Palavras-chave: LIBRAS. Sintaxe espacial. Marcação não-manual. Aquisição da linguagem.

ABSTRACT

This paper has a purpose to verify some of the mainly difficulties that speakers in Portuguese Language present to make the not-manual Mark of Brazilian Language of Signs and to evaluate IF, with an inappropriate execution it Will be some interference on the phrase structure and, consequently the change of the words mean.

Key-words: LIBRAS. Space syntax. Not-manual mark. Language acquisition.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo verificar algunas de las principales dificultades que hablantes de lengua portuguesa tienen en la ejecución de la marcación no manual de la Lengua Brasileña de Señas y evaluar si, a partir de una ejecución inadecuada, habrá alguna interferencia en la estructura de la frase e, por tanto, el cambio de significado de palabras.

Palabras-clave: LIBRAS. Sintaxis espacial. Marcación no manual. Adquisición del lenguaje.

1 INTRODUÇÃO

No processo de aquisição de uma segunda língua oral, é verificado que alguns aprendizes apresentam diversas dificuldades, tais como: conjugações verbais, ordem das sentenças, concordâncias etc. Tais dificuldades não estão longe da Língua Brasileira de Sinais, embora focada em outro âmbito. Um dos problemas encontrados na língua de sinais se refere à execução das marcações não-manuais. Estas fazem referência à posição de cabeça, movimentação corporal e expressão facial.

Em meio a este contexto, no presente trabalho, objetiva-se levantar e analisar algumas das principais dificuldades encontradas por falantes na execução da marcação não-manual, apresentando uma análise crítica dos dados obtidos. A escolha pelos tópicos abordados - abrangendo tipos de frases da língua de sinais, marcações não-manuais e mudança de significado - deve-se ao fato de serem temas suscetíveis de dúvidas que, muitas vezes, geram incompreensão por parte dos alunos.

2 O QUE SÃO LÍNGUAS NATURAIS?

O estudo científico da língua natural humana pode ser definido como linguística, ciência que descreve todos os aspectos da língua e formula teorias sobre seu funcionamento. Mas, o que é língua? Qual é a diferenciação entre língua e linguagem? Frequentemente o vocábulo linguagem é empregado em uma variedade de sentidos, como: linguagem musical, linguagem corpórea etc.

A palavra *language*, em inglês, encontra-se, no português, em dois vocábulos: língua e linguagem. A distinção entre essas palavras está relacionada à diferença entre os dois sentidos da palavra. O vocábulo linguagem aplica-se não somente às línguas portuguesa, russa, húngara, espanhola, mas também a diversos sistemas de comunicação, notação ou cálculo, que são sistemas artificiais e não naturais. A palavra língua, em português, não é tão abrangente quanto o vocábulo linguagem, pois este pode ser utilizado para referir às diversas linguagens, além de poder ser aplicado aos sistemas de comunicação, naturais ou artificiais, humanos ou não.

Neste trabalho, utiliza-se a palavra linguagem para designar o sistema lingüístico, que é geneticamente determinado para desenvolver-se no ser humano. As pessoas podem utilizar uma língua de acordo com a sua produção e sua modalidade de percepção: modalidade oral-auditiva ou modalidade visuo-espacial.

A priori, os linguistas lidam com línguas naturais. Segundo Lyons (1987), a indagação “o que é língua e linguagem?” traz a pressuposição de que cada uma das inúmeras línguas não-orais, distintas, é um caso específico de algo mais geral. O estudioso da linguagem, o linguista, quer saber se as línguas naturais possuem em comum algo que não pertença a outros sistemas comunicacionais, humanos ou não, de maneira que seja correto aplicar a cada uma delas a palavra “língua”, recusando a aplicação deste termo a outros sistemas comunicacionais.

De acordo com Saussure (1995, p.17):

língua não se confunde com linguagem: é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.

Já Chomsky (*apud* QUADROS e KARNOPP, 2004), afirma que: “Doravante considerarei uma língua[gem] como um conjunto (finito ou infinito) de sentenças, cada uma finita em comprimento e construída a partir de um conjunto finito de elementos”.

Para Chomsky, o conceito de língua pode ser analisado em duas abordagens: a língua externa e a língua interna. A primeira refere-se ao conceito difundido por Bloomfield, relacionado à definição de *langue* por Saussure, associando o som à palavra e, consecutivamente, ao seu significado. Este é um conceito técnico que considera as línguas como instâncias da linguagem externada. A segunda, a língua interna, define a ‘noção de estrutura’ como parte da sentença estável, livre de expressões que podem variar de pessoa para pessoa.

Na seqüência, apresenta-se a língua de sinais como uma língua natural, utilizada em grupos específicos de usuários.

2.1 LÍNGUAS DE SINAIS

As línguas de sinais são línguas naturais utilizadas pelas comunidades surdas. Durante muito tempo, essas línguas foram consideradas apenas gestuais ou pantomimais, incapazes de expressar conceitos abstratos. Hoje, ainda, há um grande preconceito e desconhecimento sobre estas línguas, pois as pesquisas nesta área são limitadas e/ou inexistentes, prejudicando assim o seu conhecimento. No ano de 1960, houve a publicação do livro *Sign Language Structure* (William Stokoe), no qual ficou explícito que as línguas de

sinais eram consideradas línguas naturais. Esse descobrimento auxiliou na inserção das línguas não-orais e de seus usuários na universidade.

Stokoe (*apud* CRUZ, 2008) diz que, vista como um sistema completo, a língua de sinais é semelhante ao inglês ou a qualquer outra língua. Seus elementos combinam uns com os outros, de modo visual em vez de auditivo. Essas combinações, sinais, possuem significado como os vocábulos ou fonemas. Suas construções combinam sinais que, por sua vez, acabam expressando idéias mais completas e complexas.

As línguas de sinais, como qualquer língua oral, possuem sua própria estrutura, isto é, abarcam a gramática em seus diversos níveis: fonológico, semântico, sintático e pragmático. Quanto à sua estrutura, seus princípios gerais são iguais aos das línguas orais e são próprios para a tradução de quaisquer assuntos e conceitos, sejam eles concretos ou abstratos.

De acordo com Quadros e Karnopp (2004), a diferença básica entre língua de sinais e as línguas faladas diz respeito à estrutura simultânea de organização dos elementos das línguas de sinais. Enquanto as línguas orais são lineares, isto é, apresentam uma ordem linear entre os fonemas, nas línguas não-orais, além da linearidade, os fonemas são articulados simultaneamente.

Os sinais são formados por três parâmetros que não carregam significados quando isolados. As unidades menores constituintes dos sinais são: configuração de mão, locação de mão e movimento. Uma configuração de mão e um mesmo movimento, mas com locação diferente, poderá resultar em uma mudança de significado, formando assim um par mínimo. Estudos atuais das línguas de sinais adicionam dois tópicos ao estudo da fonologia de sinais: a orientação de mão e as marcações não-manuais.

2.2 AQUISIÇÃO DA LIBRAS COMO L2

O termo L2 refere-se a qualquer idioma aprendido posteriormente à língua materna. Neste tópico, aborda-se a LIBRAS como L2, pois esta é adquirida como segunda língua por ouvintes, carregando muitas vezes características de uma língua estrangeira. Existem basicamente três maneiras de aquisição da L2: a aquisição simultânea da L1 e da L2; a aquisição espontânea da L2 e não simultânea; e a aprendizagem da L2 de forma sistemática.

A aquisição simultânea da L1 e da L2 pode ocorrer com infantes, filhos de pais que utilizam duas línguas distintas ou utilizam uma língua diferente na comunidade onde residem. Já a aquisição espontânea pode ocorrer quando, depois de um tempo, as pessoas se mudam para um país de língua diferente. A aquisição sistemática da L2 se dá nas escolas de línguas estrangeiras.

A diferenciação entre aquisição da L1 e a aquisição da L2 está intrinsecamente relacionada com a forma de exposição do aprendiz. Quando uma criança é exposta à sua língua materna (L1), a aquisição ocorre de forma natural, isto é, espontânea. Por outro lado, a aquisição da L2 ocorre, muitas vezes, em um ambiente artificial e de forma sistemática, através das metodologias de ensino.

Destaca-se que o processo de aquisição ocorre de forma menos natural em ambiente acadêmico, dependendo, inclusive, da aquisição da L1, da aquisição da L2, da idade do aprendiz, do tempo de exposição à L2 e do fato de estar incluído ou não nesta comunidade de minoria.

A educação sistemática envolve um processo distinto da aquisição da L1. Scliar-Cabral (*apud* QUADROS, 1997), observa que a não-exposição à língua nativa, no período de aquisição da L1, causa danos irreparáveis à organização psicossocial do indivíduo. Isto não ocorre na L2, pois uma pessoa que se expõe a um grupo que fala um idioma diferente do seu não corre risco de ter danos irreversíveis em relação ao mecanismo da linguagem. Embora não conheça o idioma, ela já tem o domínio de uma língua que lhe garante o total funcionamento do mecanismo lingüístico.

Referente à importância das características da interação no ambiente em que ocorre o processo de aquisição de L2, Damhuis (*apud* QUADROS, 1997) aponta três aspectos de interação verbal que podem ser diferenciados: o *input* (a recepção), o *output* (a produção) e o *feedback*.

O *input* é a linguagem oferecida ao aprendiz por falantes nativos, professores ou por outros estudantes. Os estudantes de L2 utilizam o *input* para formar hipóteses sobre a linguagem. O *output* é a linguagem utilizada pelos próprios discentes. Por meio da própria produção, os alunos podem testar suas hipóteses. O *feedback* é a reação oferecida na conversação frente à produção do aprendiz; este recurso ajuda o aprendiz a avaliar suas hipóteses. O papel do *input* é inquestionável.

Para que o discente possa ativar o desenvolvimento da língua é necessário o input auditivo e visual. Quadros (1997) afirma que, no caso da aquisição da LIBRAS, o input visual é extremamente importante. O input visual deve ser explorado qualitativamente, avaliando o tempo necessário de exposição para que o processo de aquisição ocorra adequadamente.

Estudos sobre o ambiente lingüístico ao qual o aprendiz está exposto mostraram que o input recebido não é suficiente para a aquisição da linguagem. Lydia White (apud MATTOS, 2001) apresenta três problemas acerca do input: a subdeterminação, a degeneração e a ausência de evidência negativa.

A subdeterminação se refere ao fato de que vários aspectos da língua são subdeterminados pelo input, isto é, o conhecimento que a pessoa adquire da sua língua, chamado de competência lingüística, inclui noções que não são óbvias no input recebido e que não são ensinadas diretamente. O conhecimento implícito, subjacente ao uso da linguagem vai muito além daquilo a que uma pessoa qualquer estaria realmente exposta, e este conhecimento não poderia ser adquirido através de estratégias gerais de aprendizagem ou habilidades de solução de problemas. A degeneração se refere ao fato de que o input que o aprendiz recebe nem sempre é perfeito. Na verdade, este input é cheio de erros, hesitações e interrupções, incluindo frases agramaticais e formas parciais, tanto quanto frases gramaticais. A ausência de evidência negativa, ou seja, ausência de informações explícitas sobre que frases seriam agramaticais constitui outro problema para a aprendizagem da língua.

Segundo Chomsky, isso é possível porque a Gramática Universal tem uma base biológica, ou seja, mecanismos inatos da mente que permitem a aquisição da linguagem. Estes mecanismos constituiriam os princípios e parâmetros da Gramática Universal e estariam presentes na forma de estruturas mentais inatas, chamadas de Dispositivo de Aquisição da Linguagem. Este dispositivo conteria os princípios universais inerentes a todas as línguas humanas e os parâmetros universais que permitem suas variações e, por isso, seria responsável por construir a competência lingüística a partir dos dados lingüísticos do input.

2.3 DIFERENÇAS ENTRE APRENDIZAGEM E AQUISIÇÃO

Esta hipótese está fundamentada na premissa de que aprendizagem e aquisição são dois fenômenos distintos, com fins diferentes, podendo ocorrer simultaneamente, uma não sendo causa da outra. A aprendizagem não se transforma em aquisição. Então, qual será a distinção entre esses dois fenômenos? A aquisição é um processo que ocorre no

subconsciente, funcionando por necessidade de comunicação, como impulso vital, uma função que o cérebro não pode evitar cumprir quando exposto aos impulsos auditivos identificados como mensagem codificada de uma língua. Segundo Murad (2004, p. 39.) “aprendizagem significa saber as regras, ter consciência delas, poder falar sobre elas, exigindo, portanto, um esforço consciente”. Em suma, uma significa saber utilizar a língua, enquanto a outra é saber sobre a língua.

Existem teorias que supõem que enquanto as crianças ‘adquirem’ uma língua, os adultos só podem ‘aprender’ o conhecimento sobre a língua através do uso desta. Ao distinguir aquisição de aprendizagem, esta hipótese pressupõe que adultos também adquirem uma segunda língua, quase com a perfeição dos nativos, sem nenhum conhecimento consciente das regras gramaticais. Ademais, esta hipótese afirma que a aquisição é um processo poderoso em adultos, afirmativa autenticada pelas observações e estudos dos casos que indicam que esses dois fenômenos são processados diferentemente, cada um com a sua função específica. No processo inicial do aprendizado, é comum os aprendizes apresentarem dificuldades na produção. Tais dificuldades vão desaparecendo assim que o estudante adquire tal língua.

2.4 EXPRESSÕES NÃO-MANUAIS

Tais expressões referem-se aos movimentos de face, olhos, cabeça ou tronco. As expressões não-manuais (Quadro I) possuem dois papéis de diferenciação nas línguas de sinais:

- ✓ marcação de construções sintáticas como marcação de tipos frasais da LIBRAS;
- ✓ orações relativas, topicalizações, concordância, foco, e diferenciação entre os itens lexicais.

As expressões não-manuais que constituem componentes lexicais marcam:

- ✓ referência específica;
- ✓ referência pronominal;
- ✓ partícula negativa;
- ✓ advérbio; e
- ✓ grau ou aspecto.

ROSTO PARTE SUPERIOR	<ul style="list-style-type: none"> ✓ sobrancelhas franzidas ✓ olhos arregalados ✓ lance de olhos ✓ sobrancelhas levantadas
ROSTO PARTE INFERIOR	<ul style="list-style-type: none"> ✓ bochechas infladas ✓ bochechas contraídas ✓ lábios contraídos, projetados e sobrancelhas franzidas ✓ correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha ✓ apenas bochecha inflada ✓ contração do lábio superior ✓ franzir nariz
CABEÇA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ balanceamento para frente e para trás (sim) ✓ balanceamento para os lados (não) ✓ inclinação para a frente ✓ inclinação para o lado ✓ inclinação para trás
ROSTO E CABEÇA	<ul style="list-style-type: none"> ✓ cabeça projetada para frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas ✓ cabeça projetada para trás e olhos arregalados
TRONCO	<ul style="list-style-type: none"> ✓ para frente ✓ para trás ✓ balanceamento alternado dos ombros ✓ balanceamento simultâneo dos ombros ✓ balanceamento de um único ombro

Quadro I: Expressões não-manuais da LIBRAS

Fonte: Ferreira-Brito e Langevin (1995, *apud* Quadros e Karnopp, 2005)

No próximo tópico, aborda-se os tipos de sentenças existentes na LIBRAS e suas particularidades.

2.5 TIPOS DE FRASES NA LIBRAS

As línguas de sinais utilizam as expressões faciais e corporais para estabelecer os vários tipos de frases, semelhante às entonações da língua portuguesa. Para perceber a tipologia da frase, isto é, se a sentença é afirmativa, exclamativa, interrogativa ou negativa, o sinalizador precisa estar atento às expressões faciais e corporais que, em geral, são simultaneamente associadas a outros sinais da frase ou com toda a frase.

2.5.1 Forma Afirmativa

Na frase afirmativa, a expressão facial se mantém neutra, observe a Figura 1.

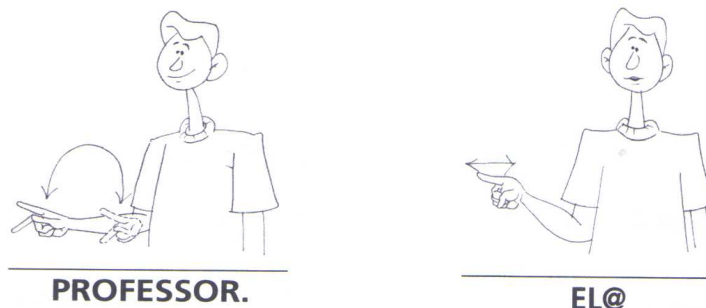


Figura 1: Expressão neutra

2.5.2 Forma Interrogativa

Diferentemente da forma afirmativa, a frase interrogativa possui algumas expressões faciais que a difere dos demais tipos frasais. Geralmente, na forma interrogativa, as sobrancelhas permanecem franzidas e essa expressão é acompanhada por uma ligeira inclinação da cabeça. Observe a Figura 2.

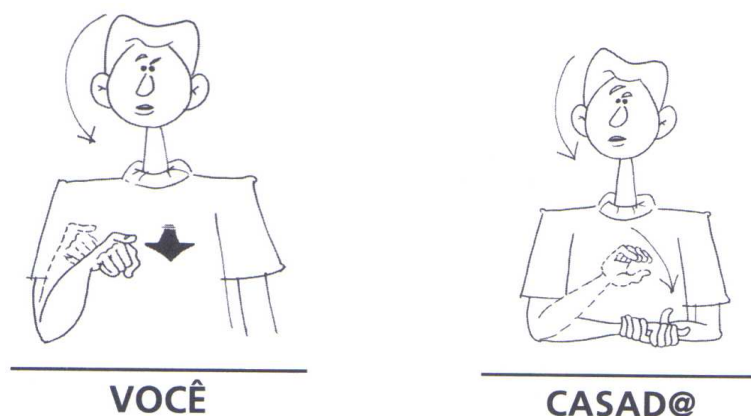


Figura 2: Expressão interrogativa

2.5.3 Forma Exclamativa

A forma exclamativa é caracterizada pelo levantamento das sobrancelhas e pelo ligeiro movimento de cabeça, que se inclina para cima e para baixo. Esta pode ser precedida por um intensificador representado pelo fechamento da boca com um movimento para baixo. Veja a Figura 3.

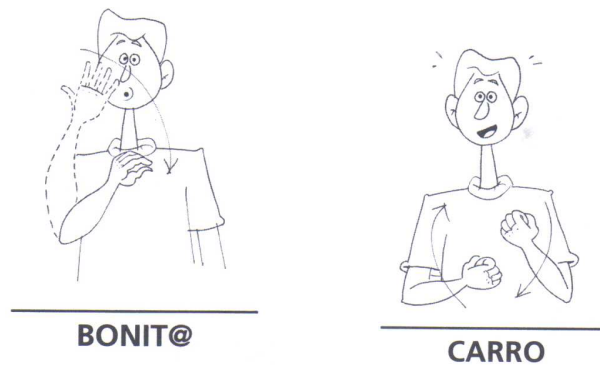


Figura 3: Expressão exclamativa

2.5.4 Forma Negativa

A sentença negativa possui algumas particularidades, pois pode ser representada de três maneiras diferentes:

- ✓ Acrescida do sinal NÃO à frase afirmativa: nesta forma o sinalizador apenas insere o movimento de negação, sinalizado pelo movimento de cabeça, simultaneamente com a execução do sinal. Veja a Figura 4.

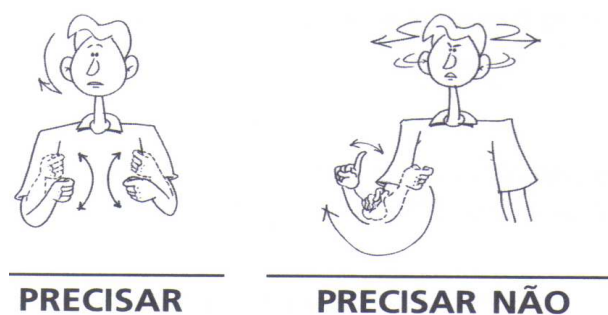


Figura 4: Expressão negativa acrescida do sinal NÃO

- ✓ Pode ser executado com a incorporação de um movimento contrário ou desigual ao sinal negado. Veja a Figura 5.

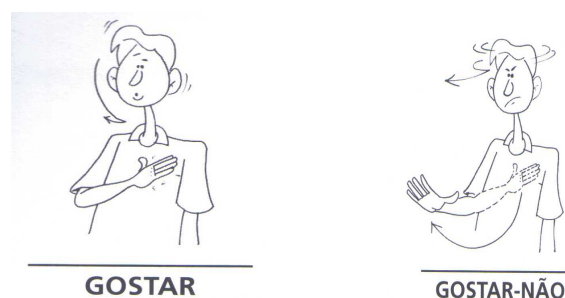


Figura 5: Expressão negativa acrescida de movimento contrário ou desigual

- ✓ Esta última maneira de execução da forma negativa pode ser realizada com um aceno de cabeça, que pode ser feito simultaneamente com a ação que está sendo negada. Veja a Figura 6.

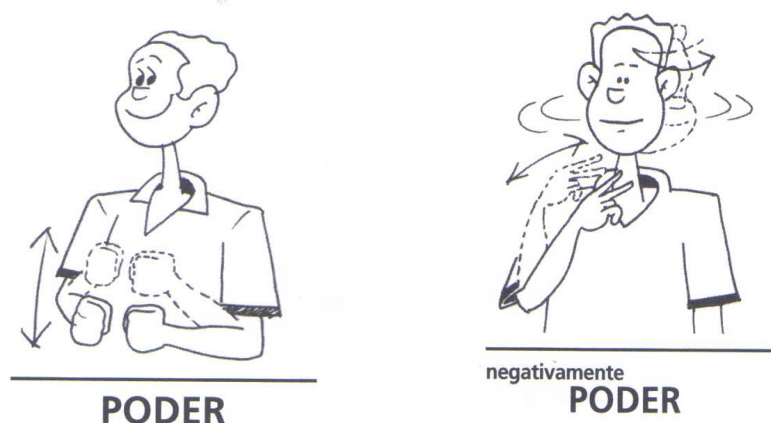


Figura 6: Expressão negativa com aceno de cabeça

2.5.5 Forma Negativo-Interrogativa

Tal frase é sinalizada com as sobrancelhas franzidas e um aceno de negação, realizado pela cabeça. Veja a Figura 7

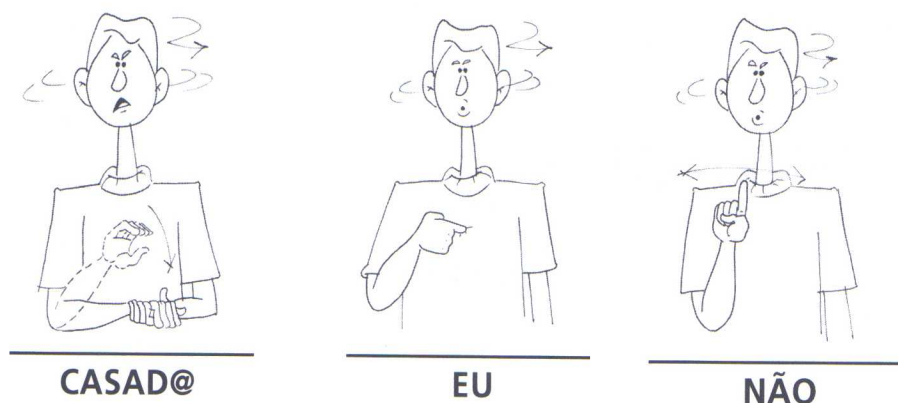


Figura 7: Expressão negativo-interrogativa

2.5.6 Forma Exclamativo-Interrogativa

A sinalização deste tipo de frase se dá pelo levantamento das sobrancelhas e pela inclinação da cabeça. Veja a Figura 8.

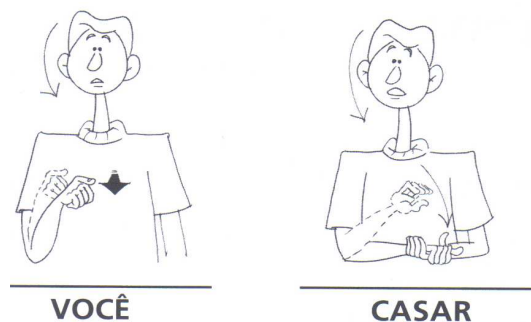


Figura 2: Expressão exclamativo-interrogativa

Ao longo deste estudo, observou-se que a LIBRAS apresenta diferentes formas de estabelecer relações gramaticais no espaço.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste estudo, utilizou-se pesquisas bibliográficas, entrevistas e filmagens. A pesquisa bibliográfica teve como objetivo a construção do referencial teórico que, por sua vez, aborda a aquisição da linguagem, a fonologia da Língua Brasileira de Sinais e a sintaxe espacial. As entrevistas tiveram um papel importante no levantamento das dificuldades que adultos ouvintes apresentam na realização das marcações não-manuais. As filmagens proporcionaram a análise das execuções das marcações não-manuais por ouvintes.

3.1 AMOSTRAGEM

A amostra da pesquisa é composta por discentes do nível inicial do curso de LIBRAS oferecido pela Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul no segundo semestre de 2008. Para a composição dessa amostra, foram entrevistados 21 alunos de ambos os sexos.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

A Tabela 1 mostra o número de informantes do sexo masculino e feminino participantes da pesquisa: levantamento das dificuldades encontradas por ouvintes na aquisição das marcações não-manuais.

Tabela 1: Gênero e Numero de Informantes

SEXO	Nº DE INFORMANTES
Masculino	06
Feminino	15
Total de Informantes:	21

Para o levantamento dos dados, primeiramente, foram analisadas as respostas oriundas do instrumento direcionado aos alunos. Neste instrumento, foi possível detectar que a maior dificuldade que estudantes ouvintes apresentam está relacionada à aquisição da expressão facial e à aquisição do movimento corporal. Grande parte dos informantes afirma que as marcações não-manuais são difíceis, pois, tais expressões e movimentos podem ou não transmitir/enfatizar uma idéia na língua oral. Ademais, afirmam que, na oralidade, a expressão facial e/ou o movimento corporal podem estar ausentes em diversas situações comunicacionais, mas não podem estar ausentes na comunicação por sinais, isto é, na Língua Brasileira de Sinais.

A Tabela 2 mostra as marcações não-manuais apontadas pelos informantes e o número de ocorrências.

**Tabela 2: Levantamento do número de ocorrências
(Houve informantes que apontaram mais de uma marcação não-manual)**

MARCAÇÃO NÃO-MANUAL	Nº DE OCORRÊNCIAS
Direcionamento do olhar	03
Expressão facial	15
Movimento corporal	05
Não especificado	04

A observação destes casos leva a conclusão de que os aprendizes ouvintes de LIBRAS apresentam maior dificuldade na aquisição da expressão facial, pois, na Língua de Sinais, tal marcação não-manual é de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial, diferentemente das línguas orais.

Em um segundo momento, foi aplicado um novo instrumento composto por seis tipos de orações, dispostos a seguir.

- a) Forma afirmativa: el@ professor.
- b) Forma interrogativa: você casad@.

- c) Forma exclamativa: carro bonit@.
- d) Forma negativa: eu ouvir não.
- e) Forma negativa/interrogativa: casad@ você não.
- f) Forma exclamativa/interrogativa: você casar.

Neste mesmo instrumento, foram dadas duas palavras: silêncio e parar. Os discentes deveriam sinalizar estas sentenças e vocábulos para que se pudesse averiguar suas expressões faciais e se algum equívoco em tais expressões acarretaria em uma mudança de significado nos vocábulos e/ou sentenças. A partir da análise deste instrumento, pode-se chegar a algumas conclusões. Tais conclusões serão explicitadas nas considerações finais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo o levantamento e a análise dos dados obtidos por aprendizes ouvintes de LIBRAS, quanto à dificuldade na execução das marcações não-manuais e sua implicação na mudança de significado.

Através destes resultados, pode-se constatar que: os aprendizes ouvintes de LIBRAS apresentam dificuldades na execução da marcação não-manual em sentenças interrogativas, geralmente quando associadas a outras formas, como a forma exclamativa e a forma negativa. Embora os demais sinais não-manuais sejam realizados de forma, muitas vezes, equivocada, quando estas são de forma simples, como: afirmativa, negativa, exclamativa, não há um comprometimento do significado na sentença. Mas quando associadas a outras formas, o equívoco na execução da expressão facial provoca uma mudança no significado da sentença, passando esta a pertencer à outra classe.

Outra dificuldade está relacionada à expressão facial na marcação de algumas palavras. Neste trabalho, utilizou-se dois vocábulos: silêncio e parar. O primeiro deve ser sinalizado com o dedo indicador sobre a boca, juntamente com a expressão facial calma e serena. Mas pode-se perceber que alguns dos informantes executaram o mesmo sinal utilizando um movimento mais rápido e com uma expressão de zanga, alterando, assim, seu significado para “cale a boca!”. A segunda palavra deve ser executada com a mão aberta, juntamente com o movimento brusco e com expressão séria, contudo houve informantes que reproduziram o mesmo sinal com um movimento lento e com uma expressão facial de tranquilidade. Neste caso, tal palavra passou a significar “calma”. Como se pode observar, a

marcação não-manual, mais especificadamente a expressão facial, é encarregada de levar, em algumas sentenças e palavras, a carga semântica e sintática.

Quanto aos informantes, não se constatou nenhuma diferenciação na produção da marcação não-manual entre pessoas de sexo feminino e masculino.

Tais conclusões se confirmam ao comparar as produções dos alunos com as produções da professora, neste caso surda. Ao analisar as sinalizações dos aprendizes e as sinalizações da docente, ficou claro que a expressão facial é uma das maiores dificuldades que os ouvintes, mais especificadamente utentes de língua portuguesa, apresentam no processo de aquisição da LIBRAS. Cabe reforçar que os ouvintes aprendizes de LIBRAS devem desenvolver de forma mais apurada o *input* visual, pois este possui um papel fundamental para o desenvolvimento da Língua Brasileira de Sinais como L2.

Assim, é possível inferir que, além dos parâmetros citados neste artigo, a LIBRAS conta com uma série de componentes não-manuais que podem definir ou diferenciar os significados dos sinais.

REFERÊNCIAS

BRITO, L. F. *Por uma gramática de língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRITO, L. F. Uma abordagem fonológica dos sinais da LSB. *Espaço Informativo técnico-científico do INES*, Rio de Janeiro, v.1, n.1, p. 20-43, 1990.

CRUZ, Carina Rebello. *Proposta de instrumento de avaliação da consciência fonológica, parâmetro configuração de mão, para crianças surdas utentes da língua de sinais brasileira*. 196 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2007.

FELIPE, Tanya A. *Libras em Contexto: curso básico*. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial: Brasília, 2006.

HORTÊNCIO, Germana Fontoura Holanda. *Um estudo descritivo do papel dos intérpretes de LIBRAS no âmbito organizacional das Testemunhas de Jeová*. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade Estadual do Ceará: Fortaleza, 2005.

KARNOPP, L. B. *Aquisição do parâmetro configuração de mão dos sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos*. 154 p. Dissertação (Mestrado em Letras), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 1994.

LAMPRECHT, R. R. (Org.). Estudos sobre a aquisição da linguagem: aspectos do português brasileiro e da língua brasileira de sinais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.32, n.4, 1997.

LYONS, John. *Linguagem e lingüística: uma introdução*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. A hipótese da Gramática Universal e a aquisição da segunda língua. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 9, n.2, 2001.

MURAD, Carla Regina Rachid Otávio. *Descompasso entre estilo de ensino/aprendizagem e os objetivos dos alunos*. 100 f. Dissertação (Mestrado em Letras), Universidade de Campinas: Campinas, 2004.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua sinais brasileira: estudos lingüísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, R. M. de. Aspectos da sintaxe e da aquisição da língua de sinais brasileira. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v.110, p.125-146, 1997.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Coutrix. 1995.